



Repressão. Policiais nova-iorquinos levam presos estudantes em um protesto pró-palestino no campus da Universidade Columbia. Debate em curso sobre liberdade de expressão e antissemitismo

NOVA YORK

Um grupo de estudantes que protestavam contra a guerra em Gaza foi preso pela polícia de Nova York durante um protesto no principal campus da Universidade Columbia. O ato, que começou na noite de quarta-feira, contou com barracas montadas em um dos gramados e foi mais um episódio na longa série de disputas nos campi americanos em torno do conflito entre Israel e o grupo terrorista Hamas, e que trazem questões importantes sobre liberdade de expressão e antissemitismo.

Os manifestantes começaram a se juntar no campus de Morningside Heights, em Manhattan, ainda na quarta-feira, no que parecia ser mais um dos recentes atos contra a guerra em Gaza organizados por grupos pró-palestinos. Mas alguns montaram barracas em um gramado perto da principal biblioteca do campus e ignoraram a ordem para desfazer o acampamento.

"A presença de tendas no Gramado Sul é uma questão de segurança e uma violação das políticas da universidade", afirmou um porta-voz na noite de quarta-feira, em mensagem

## Polícia de NY prende alunos de Columbia em protesto pró-palestinos

Ativistas montaram acampamento em campus; reitora prestou depoimento na Câmara sobre antissemitismo na instituição

gem ao jornal Columbia Spectator, apontando que as pessoas que deixassem o local até 21h (20h em Brasília) não sofreriam represálias. "Estamos informando aos estudantes que violam as políticas da universidade, para sua própria segurança e para a manutenção das operações da universidade, que eles devem sair."

### CERCA DE 100 DETIDOS

A maioria não seguiu as ordens, e o acampamento seguiu em pé até o começo da tarde de ontem, quando dezenas de policiais chegaram ao campus.

Apesar dos protestos de estudantes e manifestantes que acompanhavam à distância a

operação, cerca de 100 pessoas foram detidas, algemadas e colocadas em um ônibus da polícia, segundo o Columbia Spectator. A universidade afirmou que todos os identificados pelas autoridades e pelos seguranças do campus terão o acesso às instalações suspensos por tempo indeterminado.

"Na manhã de hoje [quinta-feira], precisei tomar a decisão que sempre tomei para que não fosse necessária. Tenho dito sempre que a segurança da comunidade era minha maior prioridade, e que precisamos preservar um ambiente onde todos possam aprender em um contexto acolhedor", afirmou, em mensagem à comunidade, a reitora de Columbia, Nemat Shafik. "Pensando na segurança do campus de Columbia, autorizei o Departamento de Polícia de Nova York a iniciar o desmonte do acampamento no Gramado Sul do campus de Morningside, montado pelos estudantes na quarta-feira."

Em resposta, o Conselho de Estudantes de Columbia, órgão eleito pelos alunos, criticou a decisão da reitora. "Neste momento, o Conselho de Estudantes de Columbia quer reafirmar nossa crença de que os estudantes têm o direito inerente de participar de protestos pacíficos sem o medo de retaliações ou ataca-

ques", diz a nota, publicada no Instagram. "Queremos reafirmar nossa firme defesa da preservação dos direitos à liberdade de discurso e expressão entre os estudantes."

A operação policial em Columbia, que gerou críticas de grupos pró-Palestina e foi apoiada por organizações judaicas na universidade, foi mais um capítulo na longa série de disputas travadas em instituições de ensino nos EUA, centradas na guerra entre Hamas e Israel. Desde o início do conflito, defensores de um cessar-fogo no território palestino têm dividido espaço com defensores da operação militar e do retorno dos reféns sequestrados pelo Hamas em outubro do ano passado. Neste contexto, as acusações de antissemitismo dispararam em campi ao redor do país, levando um tema em tese interno das universidades para o centro do debate político.

**DUAS REITORAS CAÍRAM**  
Em dezembro, reitoras de três das principais instituições dos EUA — Harvard, Instituto de Tecnologia de Massachusetts e Universidade da Pensilvânia — prestaram depoimento no Congresso, onde foram acusa-

das de não proteger estudantes judeus. No mesmo mês, Elizabeth Magill deixou o comando da Universidade da Pensilvânia, e em janeiro, Claudine Gay, reitora de Harvard, renunciou ao cargo.

Para grupos judaicos e lideranças políticas e empresariais pró-Israel, as universidades permitem a proliferação de discursos antissemitas, "disfarçados" em um ativismo pacifista, colocando em risco milhares de estudantes judeus e qualquer um que não concorde com as posições dos manifestantes. No ano passado, bilionários e donos de empresas anunciaram que não contratariam mais estudantes de determinadas instituições, como Columbia e Harvard, que participassem de atos pró-Palestina ou expressassem algumas visões consideradas "inaceitáveis" em público. Doações também foram suspensas.

### 'HISTÓRIAE LUTA'

Por outro lado, políticas progressistas e associações de defesa dos direitos à liberdade de expressão afirmam ser uma maneira de cercar o debate dentro do ambiente acadêmico, com a imposição de apenas uma visão e um discurso, sem espaço para o contraditório.

"Columbia sempre teve uma história incrível de estudantes lutando por um mundo mais justo e é bom ver essa tradição continuar. A medida que a Polícia de Nova York prende jovens ativistas, espero que as suas preocupações sejam ouvidas pelos administradores escolares e que não sejam criminalizadas", disse no X (ex-Twitter), a deputada democrata Ilhan Omar, da ala progressista do partido, expressando solidariedade aos manifestantes.

Na quarta-feira, a reitora de Columbia, Nemat Shafik, enfrentou duras questões de deputados na Comissão de Educação da Câmara, comandada pelos republicanos. Ela disse que a instituição enfrenta uma "crise moral", e que foram abertos processos disciplinares contra alunos, professores e colaboradores acusados de violação dos códigos internos.

## Uso de slogan nazista leva líder da ultradireita alemã a julgamento

AfD está na frente dos outros partidos nas pesquisas nacionais de voto

BERLIM

Um dos mais proeminentes líderes da extrema-direita da Alemanha, Björn Höcke, foi a julgamento ontem em Halle, estado da Saxônia, após preferir um slogan nazista em comícios. Höcke lidera a Alternativa para a Alemanha (AfD, na sigla em alemão) no estado da Turíngia, e seu julgamento ocorre cerca de quatro meses antes das eleições regionais no estado — até então, solo fértil para o partido.

O político de 51 anos, que chegou à audiência sorrindo, foi acusado em junho do ano passado por usar a expressão

"Tudo pela Alemanha", usada e gravada nas faixas do grupo paramilitar SA (Tropas de Assalto), que atacou durante a ascensão do nazista Adolf Hitler nos anos 1930. A declaração ocorreu durante uma reunião em maio de 2021 com cerca de 250 pessoas em Mersburg, no estado de Saxônia-Anhalt.

### ATÉ 3 ANOS DE PRISÃO

Na semana passada, os promotores acrescentaram uma segunda acusação contra Höcke no julgamento. Depois de enfrentar acusações por seu uso inicial do slogan, ele provocou o clímax em outro comício político, em dezembro

do ano passado, gritando para a multidão "Tudo por... e" deixando os apoiadores gritarem a última palavra, "Alemanha".

O uso de frases e símbolos nacional-socialistas é um crime passível de punição na Alemanha que, devido ao legado de Hitler, tem uma abordagem muito mais restritiva à liberdade de expressão em comparação com democracias como os Estados Unidos. Tanto Höcke quanto a seção estadual que dirige foram classificados pela inteligência interna como extremistas de direita e estão sob vigilância.

O líder da AfD alega que não sabia que a frase era um slogan



"Tudo pela Alemanha". Höcke deu a corte em Halle durante um intervalo

nazista, mas os críticos advertiram que esse argumento não é convincente, já que Höcke era professor de História antes de se tornar político. Eles também observam que políticos do partido extremista em outros estados já foram detidos nos últimos anos por usarem o mesmo slogan.

O julgamento ocorre na maior corte do estado e de-

ve durar até 14 de maio. Se for considerado culpado, Höcke poderá enfrentar até três anos de prisão ou uma multa. O tribunal também pode decidir revogar temporariamente seu direito de votar e concorrer em eleições. Essa decisão seria um duro golpe em um ano eleitoral crucial na Alemanha, no qual se espera que Höcke e o AfD obtenham a

maior parcela de votos.

Espera-se que o julgamento atraia multidões de manifestantes, tanto a favor quanto contra o AfD. Höcke convocou apoiadores a comparecerem à corte em declaração nas redes sociais: "Convido vocês a virem a Halle e testemunharem em primeira mão a situação dos direitos civis, da democracia do Estado de direito na Alemanha", escreveu.

### 'HÖCKE É NAZISTA'

Diante do tribunal, centenas de manifestantes seguravam cartazes que diziam "A AfD deve ser contida" e "Björn Höcke é um nazista".

Em todos os três estados do Leste da Alemanha que vão às urnas este ano, o AfD é o partido mais popular. E, em todo o país, está com intenções de voto nas pesquisas mais altas do que qualquer um dos três partidos do governo.

Com: NYT e AFP

### Espões russos presos

As autoridades alemãs anunciaram ontem a detenção de dois supostos espões russos, suspeitos de querer cometer atos de sabotagem, inclusive contra o Exército americano, para minar o apoio militar à Ucrânia.

Segundo o comunicado, Dieter S. e Alexander J. têm dupla cidadania

(alemã e russa) e foram detidos no dia anterior na cidade de Bayreuth, estado da Baviera no sudeste da Alemanha.

Aplicação fez buscas nas residências e nos locais de trabalho dos dois homens, suspeitos de "terem atuado em um serviço de inteligência estrangeiro", no que

os promotores descreveram como um "caso particularmente grave" de espionagem.

Os acusados supostamente expressaram disposição para "cometer ataques explosivos e incendiários, principalmente em infraestruturas militares e instalações industriais na Alemanha", além de bases

militares dos EUA sediadas no país.

A ministra do Interior alemã, Nancy Faeser, elogiou o trabalho dos serviços de segurança, que "entram" por possíveis ataques espionagem que atacariam e minariam a nossa ajuda militar à Ucrânia.

A ministra das Relações Exteriores

alemã, Annalena Baerbock, convocou embaixador russo em Berlim, disse à AFP um porta-voz do seu ministério.

Em resposta, Moscou disse no X (antigo Twitter) que a Alemanha não forneceu nenhuma evidência para apoiar suas alegações de que prendeu dois supostos espões russos.